

## **POSSIBILIDADES REFLEXIVAS POR MEIO DO FUTEBOL.**

Simone Alves

EMEF Profª. Edite Schneider

### **Resumo**

O presente trabalho pedagógico foi desenvolvido na EMEF Profª. Edite Schneider em Várzea Paulista, S.P., busca descrever uma prática pedagógica em Educação Física escolar ministrado pela professora Simone Alves. Nesta prática foi abordando o futebol. Inicia descrevendo o contexto a qual a escola está inserida e os motivos que justificam a relevância de abordar esta manifestação da cultura corporal. Apontam alguns obstáculos enfrentados no desenvolvimento do mesmo, tanto no contato direto com as crianças, como as contradições acerca da prática quando está é realizada também por meninas e ainda a hierarquização disciplinar, indicando pouco envolvimento da equipe gestora para o desenvolvimento da proposta. Finalmente encerra o relato apresentando indicativos que possibilitam romper com toda esta lógica para a concretização de uma prática pedagógica significativa dentro do processo educacional.

**Palavras chave:** Futebol, Gênero, Reflexão.

### **Descrição da Unidade Escolar**

EMEF Profª Edite Schneider está localizada no Jardim Alto do Pinheirinho, na Região Central da cidade de Várzea Paulista, S.P. Atendendo 679 alunos do ensino fundamental em suas 22 turmas divididas em dois períodos.

Freqüentam a escola, crianças que em sua maioria residem em vários bairros do entorno, Alto do Pinheirinho, Cruz Alta, Vila São José, Jardim das Palmeiras, Jardim Mirante Jardim Bertoga, e algumas crianças que mesmo morando em bairros mais distantes, seus familiares optaram pela instituição devido a sua localização, pois seu trabalho, na maioria das vezes fica próximo a escola ou algum parente da criança, geralmente avós.

Como a escola está situada em uma região central, torna-se possível encontrar uma diversificada estrutura para atender a comunidade, sendo presente Igrejas, creches e escolas, posto de saúde, hospital, áreas de lazer, bancos, supermercados, prefeitura, vídeo locadoras, delegacia e diversos tipos de comércio. Dentro desta diversificada estrutura encontra-se também escolinhas de futebol e clube recreativo que conta com campo de futebol. Nas imediações da unidade escolar a prática do futebol ocorre em, cinco locais

distintos como o Word bool, clube do periquito, clube de campo da cica, campo Yamada e sua quadrinha.

Apesar de como apontado anteriormente, a escola estar localizada na região central, um dado contraditório a esses alunos é a presença de crianças que moram em abrigos para crianças que foram destituídas do lar e que também freqüentam esta unidade escolar e a presença de crianças moradoras de propriedades rurais nos bairros Sítio do Rocha e Sítio do Mursa,

Por já ter trabalhado nesta escola nos anos de 2007 e 2008, caminhava para meu terceiro ano de trabalho nesta unidade, então já havia trabalhado anteriormente com grande parte das crianças que estavam nas turmas de quarta-série, bem como com seus professores.

Já tinha conhecimento de algumas práticas que aconteciam dentro da escola e também em seu entorno que aproximavam algumas questões a manifestação cultural que iria ser abordada.

Uma das brincadeiras comumente observada entre os meninos era o futebol. Há na escola um grande espaço com gangorras, balanços, caixa de areia, um cimentado, tudo próximo à quadra, então quando as crianças chegavam à escola, apesar de ser proibido, era comum eles começarem a brincar na quadra ou neste cimentado, utilizando qualquer coisa passível de receber chutes (garrafas, bolas de papel, (uma vez tivemos que pedir ajuda ao SAMU para socorrer uma criança que estava jogando futebol), pois a criança levou uma bolada no rosto, a bola era uma pedaço de tijolo).

O futebol configurava como um elemento da cultura corporal que eu já havia trabalhado no ano de 2008 com outras turmas, entretanto com outros contornos, tendo uma característica a meu ver, bastante superficial.

Nesta unidade escolar todas as turmas da escola têm uma hora semanal de recreação, onde basicamente, os meninos praticam futebol na quadra e as meninas brincam debaixo de árvores na poeira.

## **Caminhos trilhados**

Notadamente os meninos durante a recreação eram autorizados a jogar futebol na escola, então quando iniciei o trabalho, nas cinco turmas de quarta série, fui verificar a incidência de crianças que de algum modo usavam esses espaços para realizar a prática do futebol. Em todas as turmas havia meninos que treinavam nessas escolinhas, e que

semanalmente brincavam de futebol na escola, no entanto havia apenas duas meninas que realizavam a prática e somente fora da escola. Diante deste fato, não é difícil de imaginar a resistência inicial por parte das meninas.

Feitas essas observações iniciais, planejei as aulas onde seria possível realizar a prática dia-a-dia, entretanto após uma conversa com os alunos houve a necessidade de mudar imediatamente o percurso traçado, pois os apontamentos extrapolaram as “previsões” e me fez perceber que havia muitos desafios a enfrentar.

Inicialmente os meninos saíram em “defesa” da quadra só para eles, já que meninas não jogam futebol. Inúmeras foram às falas que os meninos utilizavam para explicar que as meninas não deveriam realizar a atividade prática:

*Futebol é coisa de homem;*

*Meninas ficam torcendo;*

*As meninas podem brincar na sombra;*

*Meninas são pernas de pau, entre outras.*

Esses fatos pouco incomodavam as meninas, embora não fossem unânimes, muitas meninas se calaram, entretanto algumas meninas concordavam com esses depoimentos e utilizam até argumentos favoráveis aos meninos;

*“Pro”, na recreação os meninos sempre jogam bola e a gente fica brincando ali na terra embaixo da árvore.*

*Pro, nós somos pernas de pau mesmo, deixa eles jogar e pronto.*

Notei que ao mesmo tempo um incômodo e um conformismo por parte das meninas. Senti a necessidade inicial de conversar com as crianças que o fato das meninas serem “pernas de pau” não surge do nada. Como aponta DARIDO E RANGEL (2005, p. 166),

Ao mesmo tempo, existem as diferenças entre meninos e meninas. Aos primeiros, desde a infância, são permitidas e incentivadas as brincadeiras mais agressivas e mais livres: eles jogam bola nas ruas, soltam pipas, andam de bicicletas, rolam no chão em brigas intermináveis, escalam muros e realizam muitas outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, por seu lado, são desencorajadas a praticar essas brincadeiras e atividades e esse tratamento diferenciado reflete-se num quadro de desempenho motor igualmente diferenciado.

Realizei alguns questionamentos onde as crianças foram identificando em seu cotidiano os direcionamentos para diferentes atividades. Sugeri que cada criança dissesse qual é o brinquedo que utiliza, os espaços onde podem brincar, e a partir das

respostas apresentadas elas foram identificando a proximidade que é mais peculiar aos meninos terem com o futebol.

Más obviamente foi uma conversa que não causou muitas mudanças nos argumentos, uma vez que essa construção para eles ainda é natural.

Diante deste fato, as primeiras aulas práticas não aconteceram com uma bola e duas equipes. As aulas foram iniciadas com o futebol de prego.

Na vivência do futebol de prego não foi notado a predominância masculina sobre a feminina, uma vez que a prática ocorre numa espécie de “tabuleiro”, onde pregos fixados na madeira representando os jogadores em campo, sendo necessário apenas tocar uma moeda com o dedo médio em direção ao gol. Apesar de a aula citada descaracterizar a ênfase dada às habilidades motoras eu a promovi para apresentar uma possibilidade da realização do jogo de futebol e para promover um meio onde as crianças pudessem argumentar porque não houve uma superioridade por parte dos meninos.

Feito isso, nossas conversas caminhavam no sentido de “desconstruir” esta legitimidade da superioridade dos meninos em seus aspectos motores. Retomamos a conversa sobre as atividades cotidianas das crianças e sugeri que eles apontassem quais argumentos são utilizados pelos familiares para legitimar as diferentes brincadeiras que eles fazem, então foi uma “enxurrada” de respostas como as apontadas pelas meninas que nortearam nossas discussões:

*Minha mãe diz que a rua é perigosa;*

*Eu ajudo minha mãe a cuidar da casa e não sobra tempo pra brincar;*

*Na rua tem muito moleque safado;*

*Futebol é coisa de menino.*

Já os argumentos dos meninos, na maioria das vezes traziam dados que indicavam que essas cobranças não existiam, assim não foi difícil das crianças entenderem que o fato da superioridade das habilidades tem haver com sua construção histórica.

A próxima prática então foi o jogo de futebol de botão. A escola possui três jogos e um aluno da quarta-série C tinha um jogo e levou para contribuir com as possibilidades de vivência da turma. Com exceção deste garoto, as dificuldades para jogar foram bem parecidas entre meninos e meninas.

Além de apresentar mais uma possibilidade para jogar futebol, aproveitei este fato para novamente discutir porque as meninas têm maiores dificuldades em jogar futebol do que a maiorias dos meninos. Pois DARIDO E RANGEL (2005, p. 166), afirmam que:

O reconhecimento e reflexão sobre as diferenças entre os alunos permitem que o professor possa utilizar os jogos e outras práticas corporais como meios eficazes de ensinar aos jovens a tolerância e aceitação das diferenças individuais.

Posteriormente caminhamos para o jogo de futebol, agora sim, o futebol sendo jogado na quadra. Os meninos já aceitavam com mais tranquilidade o fato de ter que dividir a quadra com as meninas, estas, no entanto ainda relutavam em fazer a prática.

Tive então que promover brincadeiras que iam aproximando as meninas da prática utilizei a brincadeira do bobinho para fazer esta aproximação. Os meninos ainda um pouco contrariados foram aos poucos promovendo uma contribuição para ampliar os saberes relacionados ao futebol por parte das meninas, inúmeros foram os momentos em que os meninos direcionavam-se até as meninas para dar lhes algumas dicas. Para manter uma prática pedagógica significativa, ouvir o aluno passou a ser princípio básico da proposta de trabalho. Desse modo foi possível valorizar a cultura do aluno como algo a ser contemplado. A esse respeito NEIRA (2007, p. 44) aponta que:

Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para ela, em um processo contínuo e permanente de aquisição.

Nos momentos de recreação já se notava as meninas jogando futebol na quadra com os meninos, presenciei várias vezes a divisão de uso do “cimentado” em partes iguais (metade do espaço para as meninas e a outra metade para os meninos). Presenciar fatos semelhantes a estes a partir e das incursões realizadas sobre as diferenças entre os gêneros, a legitimidade das meninas diante de algumas praticas deixava-me muito satisfeita, porém, não era bem aceito por toda equipe docente.

*Minhas meninas eram limpinhas e cheirosas, agora estão todas Maria João!* Comentários desta natureza passaram a ser uma constante por parte de uma professora. Perceber, portanto, como importantes as relações existentes entre os diversos elementos responsáveis por uma ordenação e consolidação de determinados comportamentos pode não ser tarefa fácil, porém, precisei estar atenta a isso. Vivenciei claramente os julgamentos desta professora em que as mulheres devem se ater a afazeres mais delicados e

quando fogem desta lógica são consideradas masculinizadas e contrapondo a isso os homens devem se dedicar a afazes que explicitem grande virilidade e inversamente os que dedicam a afazeres mais delicados são taxados como efeminados. NEIRA (2007, p. 113) Afirma que: É por conta do discurso que os grupos dominantes atribuem características negativas às representações dos grupos desprovidos de poder.

O desenvolvimento das atividades buscava fomentar a existência de uma relação dialógica. A problematização realizada foi à questão de gênero. As ações buscavam validar as aulas como espaço de participação do grupo havendo espaço para que as crianças juntamente com a professora pudessem manifestar suas opiniões, socializar idéias, ampliar e aprofundar conhecimentos.

Ao passo que as aulas iam acontecendo e as meninas ocupando espaço para vivência, tanto durante minhas aulas como em outros momentos, eu ia organizando um cronograma para fazermos um jogo de futebol em um dos campos que fica próximo à escola, aí efetivamente foi a parte bastante complicada.

Mesmo com trabalho sério, vivenciei inúmeros empecilhos. Tive que realizar as ligações para a secretaria de esportes solicitando o espaço, enviar bilhetes (passar na lousa) para que as crianças copiassem a autorização no caderno de registro, pois não puderam ser impresso, ir a pé com as crianças, fatos que demonstram um descaso com as propostas de Educação Física.

Estes fatos podem remeter a idéia muito explícita das formas de hierarquização existente entre as disciplinas, os relacionamentos da escola com seus alunos e toda orquestração para desencorajar o professor na nobre empreitada que promover uma aproximação e ampliação dos conhecimentos referentes ao futebol.

Todos esses fatos fizeram estender o tempo de prática de futebol na quadra até que eu pudesse ir organizando a ida ao campo, o que foi aproximando cada vez mais as meninas o interesse pela prática do mesmo.

Não dispunha de muito tempo para fazer a prática no campo, então organizei de modo que um dia fomos em três turmas e em outro em duas turmas. Algo próximo de 90 crianças, e 60 respectivamente, para 02 horas de vivência. Antes, porém falei sobre o número de jogadores em uma partida oficial, sobre as funções características do zagueiro, os meias de campo e atacantes. Com uma intensa participação dos meninos conversamos também sobre a cobrança do lateral, impedimento e pênalti.

Ficou combinado então, que as professoras titulares da sala acompanhariam também a turma, e assim fizemos. Como era um número grande de alunos, tornou-se necessário uma divisão da turma, então busquei direcionar o trabalho no campo, ao mesmo tempo em que as demais crianças usavam a quadrinha que fica em anexo ao campo.

De volta a escola muitos foram os argumentos sobre a prática. Espantaram – se com o tamanho do campo, afirmaram que era muito cansativo, que o gol é muito grande, que é bom que cabe bastante gente, que a bola enrosca na grama. Más, sobretudo que fariam novamente.

### **Considerações finais**

Diante do decurso deste pequeno relato, percebe-se que inúmeros são os obstáculos enfrentados no cotidiano escolar. Com o intuito de romper com alguns destes obstáculos resta-nos fazer uma reflexão sobre a legitimidade e continuidade destas formas de pensar a prática pedagógica.

Pensando a Educação Física com a incumbência de formar a consciência crítica do aluno e a conseqüente desnaturalização dos processos de imposição, ouvir o aluno passa a ser princípio básico para a promoção desta ruptura. Os conhecimentos dos alunos ganham espaços e passam a ser contemplados, confrontados e valorizados, e se tornam legítimos. Sendo assim, o planejamento das aulas deve permitir flexibilizações, os objetivos, se tornam mutáveis e transitórios, nem sempre ocorrendo em tempo e hora marcada. Portanto, o professor deve estar atento aos temas que brotam em seu contexto, dialogar, confrontar e inferir, através de um profundo exercício de reflexão, os motivos que legitimam determinadas concepções de mundo.

### **Referências bibliográficas**

DARIDO, S.C ; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. IL.: (Educação física no ensino superior).

NEIRA, M.G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.